

O ESTATUTO PSICOLÓGICO DA ANTROPOLOGIA DE KANT: A CONSCIÊNCIA DE SI

André Renato de Oliveira¹

RESUMO: Embora a *Antropologia* de Kant pareça ser num primeiro momento uma coletânea de observações empíricas distante de seu plano transcendental. A *Antropologia* contribui para uma compreensão maior sobre a concepção kantiana a respeito da ciência do homem. Defendemos que Kant ao propor tal ciência nos remete invariavelmente à gênese de sua *Antropologia*, que por sua vez nos confirma a importância da psicologia empírica neste texto, dado o suporte oferecido por ela não só para o ensino, mas ainda como parte fundamental da estruturada obra. Dito isto, este artigo tem como objetivo apresentar a relevância da psicologia empírica na *Antropologia* de Kant e assim destituí-la de seu caráter minoritário nesta obra.

Palavras-chave: Antropologia; Kant; Psicologia empírica.

THE PSYCHOLOGICAL STATUTE OF KANT ANTHROPOLOGY: THE CONSCIOUSNESS OF HIMSELF

ABSTRACT: Although Kant's Anthropology seems at first to be a collection of empirical observations distant from his transcendental plane. Anthropology contributes to a greater understanding of the Kantian conception of the science of man. We argue that in proposing such a science Kant invariably brings us to the genesis of his anthropology, which in turn confirms the importance of empirical psychology in this text, given the support it offers not only for teaching but also as a fundamental part of the structure of science work. That said, this article aims to present the relevance of empirical psychology in Kant's Anthropology and thus to deprive it of its minority character in this work.

Keywords: Anthropology, Kant, empirical psychology.

INTRODUÇÃO

Em 1772 alguns meses antes do primeiro curso de antropologia de Kant, Ernst Platner então professor de medicina em Leipzig publica um livro intitulado: *Anthropologiefür Ärzteund Weltweise (Antropologia para os médicos e para os filósofos)* Platner prefere o uso da palavra Antropologia que ele introduz em língua alemã do que psicologia, que segundo ele não da conta do homem por completo. De acordo com Platner (PLATNER, 1772, p.15) somente a “antropologia toma por

¹ Doutorando em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: andrerpro@hotmail.com

completo a interação da alma com o corpo, pois ela abarca por um lado a anatomia e a fisiologia focadas sob o corpo entendido como simples máquina e por outro a psicologia tendo unicamente como objeto a alma”.

Este trabalho de Platner foi muito popular, Kant leu este trabalho atentamente e chega a citá-lo em seus primeiros cursos de Antropologia (1772-73). Mas ao observarmos as *Lições de Antropologia* de Friedländer é notório as críticas de Kant (KANT V-Anth/Fried AA25:472) quando define explicitamente que seu projeto não é o mesmo daquele defendido por Platner. Conforme descreve Kant²:

Nenhuma das antropologias que dispomos atualmente tiveram a ideia que tivemos aqui. Tudo que não está relacionado ao pensamento prudente não pertence a antropologia. Pertence a antropologia apenas o que podemos fazer um uso prudente em nossa vida. Tudo o que concerne ao nascimento das ideias pertence à especulação e não a antropologia como diz Platner (KANT MS 399-400/V-Anth/Fried AA25:472).

Mediante tal novidade Kant cogita até em mudar o nome de seu curso a fim de diferenciá-lo do trabalho de Platner, pois ele considera a sensação como indicador da existência de uma interação entre corpo e alma. Nas notas de 1781-1782 Platner é caracterizado por Kant (KANT V-Anth/Mensch AA25:856) como representante da antropologia escolástica. E mesmo em 1784-1785 a posição de Kant (KANT V-Anth/Mensch AA25:1211) parece ser a mesma: “a antropologia escolástica estuda as causas da natureza humana, onde a antropologia pragmática se contenta em constatar sua composição e principalmente em aplicá-la. Uma revela a erudição, a outra é da ordem da prudência”. Em 1773 Kant relata sua posição claramente a Hertz dizendo que:

Eu li a recensão da Antropologia de Platner... Neste semestre pela décima vez darei um seminário sobre antropologia meu desejo é que esta se torne uma disciplina universitária regular. Mas meu projeto é diferente, minha intenção é, graças a antropologia, revelar as fontes de todas as disciplinas práticas, a ciência dos costumes, aquela da experiência, das relações humanas, o método que permite formar homens e governá-los. Eu busco muito mais os fenômenos e suas leis que as primeiras causas de uma possibilidade de mudar a natureza humana em geral. Por isso eu não abordo absolutamente a difícil questão que exigiria finêses intelectual, para mim é inútil abordar a maneira segundo a qual os órgãos do corpo e sua relação com o pensamento. Tenho

² Destacamos aqui que usaremos como referência de citação das obras de Kant a forma da academia: *Gesammelte Schriften* Hrsg.:Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften. AA seguida da numeração e paginação original.

focado na vida corrente, de modo que meus ouvintes do início ao fim não teriam uma disciplina austera, mas sim leve dada a possibilidade de comparar suas experiências as minhas reflexões. Durante um tempo trabalho esta teoria da observação, muito agradável a meus olhos um exercício de formação do intelecto, do discernimento e que seria uma propedêutica filosófica para os jovens estudantes, esta propedêutica é diferente da geografia física e de outros ensinamentos, podemos chamá-la assim de conhecimento do mundo em geral (KANT Br.AA10:79).

Nota-se nesta passagem claramente o distanciamento de Kant em relação a Platner, contudo o sucesso deste último era inegável e conquista seu lugar ao lado dos filósofos populares de Göttingen como Feder (1740-1821), Meiners (1747-1784) e H. Hissmann (1752-1784). Sucesso que se deve a semelhança dos projetos. Estes filósofos não estavam buscando uma filosofia acessível, mas sim fundar a lógica e a filosofia prática sob uma psicologia empírica, por isso o trabalho de Platner destaca-se entre estes filósofos. Partindo deste pressuposto ao atentarmos aos respectivos trabalhos destes filósofos de Göttingen entendermos porque Platner foi tão bem recebido. Observemos que a antropologia de Feder (*Grundriss der philosophischen Wissenschaften 1767 p.33*) é uma antropologia psicológica; Meiners em seu: *Kurzer Abriss der Psychologie* (MEINERS 1773 pp.6-8 a 30) argumenta que a antropologia repousa sobre uma psicologia da sensação. No entanto, Kant (KANT AA15:2.801Refl 1.502) contrapõe-se a estes filósofos, como pode ser atestado na *Antropologia Collegentwürfe*, quando afirma que “A Antropologia pragmática não deve ser uma psicologia [...] nem mesmo uma fisiologia médica servindo para explicar a memória a partir do cérebro, mas um conhecimento dos homens.”

Embora esta passagem seja literal e deixe claro a posição de Kant, não seria inválido ou mesmo desinteressante observar o texto em maior detalhe. Na *Reflexão 1502* Kant (KANT AA15: 2.801 Refl 1.502) parte da seguinte pergunta: “Warunaberist Weltkenntnis Menschenkenntnis? (Mas por que o conhecimento do mundo é conhecimento do homem?)”. Kant é bem claro na passagem, a Antropologia pragmática não deve investigar se o homem tem ou não uma alma, ou se esta atua no corpo, esta posição de fato faz jus a posição de Kant acima citada. Mas, temos que nos atentar neste ponto sob duas perspectivas: Kant não estaria de fato abominando a psicologia e sim como Platner articula com a fisiologia, a mesma *Reflexão 1.502* é esclarecedora neste sentido. Segundo ponto: Platner escreveu dois livros: *Anthropologie für Aerzte und*

Weltweise de 1772 (Antropologia para os médicos do mundo) e Neue Anthropologiefür Aerzteund Weltweise de 1790 (Nova antropologia para os médicos do mundo). Ao compararmos estes trabalhos observa-se que no livro de 1772 Platner (PLATNER, 1772, prefácio XV-XVII) é claro e diz “Meu escrito contém pouco sobre psicologia, que não conduz de volta a uma explicação física, pois esta ainda é muito imperfeita”. Ou seja, Platner não estava fundamentando totalmente sua antropologia numa psicologia. No livro de 1.790 sequer aparecerá a palavra psicologia o enfoque da obra parece ser outro Platner aborda apenas a: fisiologia, patologia, filosofia moral e juízo, inclusive dialoga abertamente com Kant. O que queremos destacar aqui é que apontar a psicologia de Platner como fisiológica e mediante a carta de Kant e desta forma fundamentar a ideia de que Platner desenvolve exclusivamente uma psicologia fisiológica e que não haveria psicologia empírica na antropologia é um tanto insatisfatória.

Certamente Kant não adere a ideia de pensar uma antropologia, digamos “psicofisiológica” como podemos destacar também em sua famosa carta de 1795 a Sömmering na qual Kant (KANT Br. AA12: 31) destaca que: “... o meio de tornar representável o lugar da alma tomada no sentido de sua presença local. É uma tarefa da metafísica, e não é apenas insolúvel, mas ainda contraditória [...] a alma só pode ser percebida pelo sentido interno o corpo pelo sentido externo...”. Desta forma, para Kant a suposta posição de Platner em reduzir a antropologia numa investigação da existência ou não da alma, não se deve reduzir a investigação do homem unicamente ao plano psicológico, no entanto, atentemos ao unicamente.

Assim, se por um lado esta claro que o projeto de Kant (V-Anth/Collins AA25:204), não é reduzir sua antropologia a uma psicologia e sim o de desenvolver em sua Antropologia o homem enquanto cidadão do mundo, por outro não podemos desconsiderar o fato de que a psicologia faz parte deste cidadão do mundo inclusive enquanto reconhecedor de sua condição e há claramente nas *Reflexões e Lições de Antropologia* passagens que apontam para a importância da psicologia neste reconhecimento, e não só nas *Reflexões e Lições*, mas na própria obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, advertimos que Kant inicia sua exposição por uma investigação das faculdades da alma e do conhecer a si mesmo.

Entendemos, assim que esta preocupação de Kant não é minoritária na obra, Kant a inicia claramente por uma investigação interna do Eu. Tal preocupação também

é validada nas Lições Collins 1772-73 (V-Anth/Collins AA25:204), por exemplo, onde percebemos claramente uma atenção quanto a relação alma/corpo, sensibilidade e imaginação, mas principalmente sobre o sujeito. Conforme Kant (V-Anth/Collins AA25:204) o primeiro pensamento do qual tomamos consciência é o de nós mesmo expresso no eu, ou seja, uma contemplação de si. Todos os homens tem em si uma dupla personalidade, o eu como alma e o eu enquanto homem. De maneira semelhante encontramos na Antropologia a ideia sobre a consciência de si mesmo e a observação de si com forte apego a apercepção (apreensão da representação sensorial).

Pautados por esta posição afirmamos que Kant (KANT Anth. AA7:134) aponta para uma duplicidade do sujeito postulando uma consciência do entendimento e outra do sentido interno onde àquela do entendimento é pura e a outra empírica, mas a primeira é constantemente e erroneamente chamada de sentido interno, Kant declara que “Em psicologia investigamos a nós mesmos segundo nossas representações do sentido interno, na lógica, segundo o que a consciência intelectual nos oferece.” Desta forma a posição de Kant na *Antropologia* contribui para considerarmos um eu como sujeito do pensar e um eu como objeto da percepção (do sentido interno). Mas, Kant adverte que seria absurdo não pensar que o ser humano seria o mesmo, pois só se pode ser consciente das modificações representando a si próprio como um e mesmo sujeito, desta forma Kant delimita a questão afirmando que: “o eu do ser humano é sem dúvidas, duplo pela forma (pela maneira de representar), mas não pela matéria (pelo conteúdo) ”.

Na *Antropologia* (seção §7) sob o título: *Da sensibilidade em oposição ao entendimento* Kant enfatiza a ideia de que o eu da reflexão que não contém em si diverso algum é em todos os juízos sempre um e o mesmo, mas que “em contrapartida a experiência interna contém o material dela e um diverso da intuição empírica interna o eu da apreensão (por conseguinte, uma apercepção empírica). ”Ao Eu empírico.

Eu como ser pensante, sou de fato um mesmo sujeito comigo, como ser sensível, mas como objeto da intuição empírica interna, isto é, enquanto sou afetado internamente por sensações no tempo, simultâneas ou sucessivas, só conheço como apareço a mim mesmo não como coisa em si mesma. Por isso sempre me conheço, mediante a experiência interna, somente como apareço a mim mesmo [...] A aparência é um juízo errôneo por razões subjetivas falsamente consideradas objetivas. [...] A causa desses erros é que as palavras sentido interno e apercepção são geralmente tomadas como sinônimos pelos psicólogos, apesar de que somente a primeira deve indicar uma consciência

psicológica (aplicada) e a segunda meramente uma consciência lógica (pura). (KANT Anth. AA7:142).

Atentemos a esta passagem da *Antropologia*, pois nela Kant acusa os psicólogos de confundir os termos. Percebemos, contudo um apontamento feito por Kant para a tentativa de uma unificação entre estas esferas de consciência este parece ser o seu propósito ali, propósito notado também nas Lições de Mrongovius (1784-1785) e Busolt (1788-1789), cito Kant:

Não podemos ter somente o intelecto nem somente a sensibilidade. De fato, com a pura sensibilidade não poderíamos julgar, já com o intelecto poderíamos julgar, mas seriam apenas fantasmas do cérebro, portanto, ambos devem ser ligados conjuntamente, [portanto, é lei (a sensibilidade) que fornecerá o material]" (KANT V-Anth/Mron AA25:2.1229).

Agora, confrontemos esta preocupação com a seção 24 da *Antropologia*:

O sentido interno não é a pura apercepção, uma consciência do que o ser humano faz, pois esta pertence à faculdade de pensar, mas do que ele sofre quando é afetado pelo jogo de seus próprios pensamentos. Seu fundamento está na intuição interna, por conseguinte, na relação das representações no tempo (tais que nele sejam simultâneas ou sucessivas). As suas percepções e a experiência interna (verdadeira ou aparente) composta pela ligação entre elas não são meramente antropológicas, a saber, onde se desconsidera se o homem tem ou não uma alma (como substância incorpórea particular), mas psicológicas, onde se acredita perceber em si tal alma, e a mente representada como mera faculdade de sentir e de pensar, é considerada como substância particular que habita o ser humano. Há então somente um sentido interno, porque não são diversos os órgãos por meio dos quais o ser humano sente interiormente a si mesmo, e poder-se-ia dizer que a alma é o órgão do sentido interno... (KANT Anth. AA7:161).

Feita tais observações propomos pensar que a psicologia de fato não é o tema principal da *Antropologia*, mas defendemos que ela este presente e é discutida no texto e Kant não o faz num sentido minoritário, além do fato de que Kant busca tratar o homem enquanto unidade, enquanto cidadão do mundo, porém mesmo tratando-o num sentido prático. Para Kant para se chegar a esta unidade é imprescindível a experiência e a apercepção interna não são somente antropológicas, mas também psicológicas. Dito isto, não afirmamos como o faz Dilthey (DILTHEY, 1904, p.12-26) que a *Antropologia* se inicia a partir da posição do homem no cosmo, sua relação com o sistema solar, com a terra, os corpos, sua condição de ser natural (*Naturwesen*) vista interiormente, ou

mesmo Adickes e Hinsk e que afirmam que a psicologia empírica de Baumgarten é o ponto originário da antropologia kantiana.

Mas, sim que há neste texto de Kant uma nítida importância da relação entre interno e externo de maneira diferente daquela da construção crítica, considerando que na *Antropologia* esta desempenharia um papel não instituído unicamente pela psicologia. Tal posição nos conduz a ideia de que o interno e o externo revelam-se não teórico nem genericamente prático, mas sim pragmático. Teríamos então uma relação dialética entre interno e externo. Temos uma evidência desta posição no livro II da *Antropologia: Característica Antropológica: Da maneira de conhecer o interior do homem pelo exterior* apontamos aqui a passagem:

De um ponto de vista pragmático, a doutrina universal natural (não civil) dos signos (semiótica universalis) se serve da palavra caráter numa dupla acepção ... se diz que um certo homem tem este ou aquele caráter físico, em parte, que tem em geral um caráter moral [...] e) o caráter pura e simplesmente ou índole moral ... (moral) o que ele se dispõe a fazer de si mesmo (KANT Anth AA7:285).

Podemos pontuar que seria nesta relação homem x mundo que se encontra a antropologia kantiana, a questão seria então a de encontrar o ponto de ligação entre o homem e o mundo, pois isto não é algo já dado ou pré-construído, neste sentido a *Antropologia* teria a mesma raiz problemática que os escritos kantianos sobre filosofia da história. Se assumirmos esta terceira posição teríamos de considerar que o homem se desenvolve e transforma-se deparando-se e confrontando-se com o ambiente e com sua existência cotidiana.

Assim, atribuir unicamente a *Antropologia* um caráter sistemático de conhecimento nos advém um problema e para fazê-lo torna-se necessário se afastar da tradição que coloca a *Antropologia* como constituinte da parte empírica da psicologia, apesar desta posição poder ser fundamentada como vimos na reflexão já citada *Reflexão* 1.502 quando Kant diz que: “ a Antropologia pragmática não deve ser psicologia...” ao fazê-lo Kant parece apontar para um campo mais amplo da relação do homem no universo que chama de pragmático. Percebemos, no entanto que a psicologia se faz presente e tem seu lugar.

Consideramos então a parte empírica como fundamental, pois o homem enquanto ser sensível pertence à natureza e por natureza (no sentido empírico) entendemos a conexão dos fenômenos, quanto a sua existência, o que torna fundamental a teoria das faculdades da alma que colocaria a *Antropologia* pragmática kantiana em “diálogo” com a psicologia que versa sobre a unificação do sujeito.

A PERTINÊNCIA DA PSICOLOGIA EMPÍRICA PARA A ANTROPOLOGIA.

Se na *Crítica da razão pura* o estudo das faculdades da alma, não contava com uma posição tão significativa na *Antropologia* esta investigação é dotada de maior importância, conforme nos assinala LEON, F. N. (LEON, 2006, p.18) “A Antropologia, principalmente na sua primeira parte, apesar das indicações do prefácio, nos oferece uma análise não do homem como cidadão do mundo, mas sobretudo das faculdades do espírito (Gemüt)” Kant começaria então sua exposição sobre o homem enfatizando o interior.

Atentemos que tanto na *Antropologia* quanto nas *Lições* essas faculdades formariam uma ordem distinta, divididas entre inferiores e superiores nas quais as inferiores seriam as faculdades da sensibilidade e as superiores faculdades da razão juízo e entendimento. Temos assim, uma analogia entre as duas ordens de faculdades: faculdade cognitiva do entendimento com a faculdade de conhecer da alma, a razão com apetição e juízo com prazer e desprazer. Fato é que essa arquitetura das três faculdades com a capacidade para o prazer e o desprazer poderia ser interpretada como uma transição entre o campo teórico para o prático e que seria essa transição que conduzirá Kant a articular a psicologia em outra esfera de conhecimento, fazendo jus as suas palavras na *Crítica* “numa antropologia pormenorizada”.

Assim, nos advém a pergunta: Porque Kant proporia inicialmente em sua *Antropologia* uma análise das faculdades da alma? E, não haveria de fato ligação entre as obras precedentes de Kant com a Antropologia? Segundo MARTINS, C. A. (MARTINS, 2009, p.11) “... a Antropologia se originou da psicologia empírica e tem com ela o caráter de uma “doutrina da observação” [...] a estrutura da Antropologia, principalmente a sua primeira parte que trata da faculdade de conhecimento, do sentimento de prazer e dor e da faculdade de desejar, apresenta semelhança com a

divisão da filosofia crítica”. De fato em muitos aspectos podemos aproximá-las, porém contamos com certa discordância sobre tal aproximação Brandt (1997, apud PEREZ 2009, p.360), por exemplo, “afirma que aquilo que chamamos de antropologia pragmática nem mesmo poderia fazer parte daquilo que denominamos filosofia, pois trata apenas de um conhecimento empírico...”, ou seja, não haveria nenhum vínculo entre a filosofia transcendental com a *Antropologia* de Kant, já a posição de WOOD, A. (WOOD, 2.003, p. 38-57) como é definida por Perez (PEREZ, 2.009, p. 360) ressalta que “seu trabalho nos permite avançar em uma caracterização da natureza humana, porém ele não desenvolve qualquer relação sistemática entre os resultados da filosofia prática (elaborados por Kant na GMS e na KpV), e a Anth se não apenas como uma relação de aplicação”. Porém temos por outro lado a posição de autores como LAUDEN, R. (2003), FRIERSON, P. (2006) e BORGES, M. L. (2003) que defendem uma aproximação entre a *Fundamentação* e da *Crítica da razão prática* com a *Antropologia* o que poderia caracterizar um deslocamento do teórico para o prático. Diante desse embate a interpretação proposta por PEREZ, D, O. (2009) destaca-se, Perez sustenta que haveria uma relação estrutural entre uma investigação acerca da natureza humana e a teoria dos juízos, pautado pela quarta pergunta kantiana, ou seja, o que é o homem? Assim, o trabalho das três Críticas, da religião e da moral recairiam sob esta pergunta final. Kant investigaria então a natureza humana não num sentido fisiológico, mas o que o homem faz pode e deve fazer de si mesmo, e afirma que Kant na *Antropologia* estuda a natureza humana a partir dos resultados da filosofia crítica, ou seja, partir das “capacidades do ser humano (capacidade de conhecer, prazer e desprazer e desejar) seria sob estas capacidades que poderíamos ordenar o material levantado sobre a natureza humana”. Posição que exigiria um operador de regras (natureza humana) um sujeito. Apesar da posição de Perez ser demasiada pertinente, se a acatarmos e considerarmos presente na Antropologia uma teoria dos juízos a forma como defendemos na Crítica, não caberia aqui uma investigação psicológica, o que detectamos não ser uma completa verdade.

O que pretendemos destacar aqui é que o fato de Kant não fazer uma antropologia a forma de Platner não destitui a presença da psicologia na *Antropologia*. A este respeito, CASSIRER, E. (CASSIRER, 2001, p.15) nos faz uma advertência importante ele atenta para a questão da utilização de manuais para cursos que de fato

não eram produzidos pelos professores. Frederico o grande emite um decreto em 1.778 impedindo-os de organizarem seus cursos a “bel-prazer” obrigando-lhes a aderir um manual. Assim, temos uma aproximação clara a Wolff e Baumgarten, outro ponto a ser considerado é que o foco aqui é o homem enquanto cidadão do mundo, ou seja, a psicologia na antropologia tem uma conotação diferente daquele presente na *Crítica da razão pura* na Antropologia, ela se limita as percepções internas. Neste sentido, BORGES, M, L. (BORGES, 2003 p.5) atenta muito bem quando afirma que um dos conceitos centrais da psicologia empírica é o conceito de eu: “O substrato (substratum) que informa e expressa o conceito de sentido interno é o conceito de eu, o qual é meramente um conceito da psicologia empírica”. A análise deste conceito é feita através da análise das faculdades “Eu me sinto, eu intuo a mim mesmo, como passivo ou ativo: o que pertence à minha faculdade enquanto eu sou passivo pertence à minha faculdade inferior; o que lhe pertence enquanto eu sou ativo pertence à minha faculdade superior”.

Entendemos que este Eu psicológico é considerado um objeto da intuição cujo funcionamento é descrito através de observações antropológicas (e psicológicas) e “a explicação deste fenômeno custara muito ao antropólogo”. FEUERHAHN, W. (FEUERHAHN, 2011, p. 221) argumenta que desde o semestre de 1.772/73 Kant usa como base de sua Antropologia a psicologia empírica “em seu curso privado de Antropologia [...] a psicologia empírica é sua base...”. Apesar de notarmos que em 1.765/66 no texto *Anuncio para o semestre de inverno...* que “ ver-se-á com clareza que, para a filosofia , não é natural ser um ganha-pão, na medida em que contraria a sua qualidade essencial, o acomodar-se a exortação da opinião e a lei da moda... ” Esta afirmação de Kant e a abertura de um curso de Antropologia caracteriza para FEURHAHN, W. (FEURHAHN, 2011, p. 222) a autonomia da *Antropologia* em relação a metafísica. É importante destacar que a primeira parte da *Antropologia* só será chamada de didática em 1.798, encontramos documentada uma clara referência já nos anos de 1.781/82 sobre o uso do manual de Baumgarten, apontado por Kant (KANT V-Anth/Mensch AA25:2.859) “ considerando que não há nenhum outro livro sobre antropologia, nós escolhemos como fio condutor a psicologia metafísica de Baumgarten, um homem cuja matéria é rica, mas um pouco curta em sua realização”.

Acompanhando o argumento de FEURHAHN, W. (FEURHAHN, 2011, p. 224) resumidamente podemos dizer que:

Há um processo de diferenciação entre os objetivos da psicologia empírica e da antropologia ocorre após este primeiro semestre de curso. O terceiro manuscrito de notas dos estudantes cuja data é de 1.775/76 Kant justifica a especificidade da antropologia não mais simplesmente negativa, insistindo sobre sua exterioridade em relação a metafísica ou precisando a diferença quanto a origem de seus princípios – razão pura para metafísica, experiência para a psicologia empírica -, mas de maneira positiva distingue dois tipos de conhecimento que se caracterizam menos por seus respectivos objetos que por seus próprios objetivos: o conhecimento escolar de um lado e o conhecimento do mundo por outro. A partir de 1.775/76 Kant abre seus cursos sob a distinção de dois tipos de conhecimento: o teórico e o pragmático, distinção que sobrepõe aquele entre conhecimento escolar e conhecimento do mundo, o primeiro concerne ao entendimento o segundo a faculdade de julgar. Esta distinção traz um grande desafio a Kant (FEURHAHN 2002 p. 224).

Kant ao apresentar a antropologia enquanto conhecimento do mundo distancia-se da tradição wolffiana da psicologia empírica, mas lembremos das palavras de Kant (KANT V-Anth/Mron AA25.2 1.214) num curso que data de 1.784/85 onde diz “Em razão de sua organização, a psicologia empírica de Baumgarten é o melhor fio condutor, somente a ordem das matérias e dos capítulos será conservada nesta antropologia mesmo se outras numerosas considerações serem integradas uma vez que seu livro entra apenas no domínio escolar” .

Ao indicarmos estas interpretações notamos que psicologia empírica na *Antropologia* teve diferentes enfoques, contudo é possível atrelarmos os cursos de antropologia cronologicamente aos temas de textos que eram trabalhados por Kant o que atribuiria veracidade a posição de Perez quanto a ideia da *Antropologia* não ser um trabalho à parte, apesar de acompanharmos a posição de Perez quanto a aproximação da *Antropologia* dos outros trabalhos de Kant a princípio não nos colocamos favoráveis a posição da *Antropologia* partir dos resultados da filosofia crítica. Para enfatizarmos esta posição e ratificarmos a presença da psicologia empírica na *Antropologia* observaremos as Lições acentuando o elemento que consideramos o fundamental nesta obra, isto é, uma observação do Eu empírico.

Dito isto, nas Lições de metafísica encontramos uma exposição de Kant (KANT V-Met-L2/Pölitz AA28:584) a respeito de sua divisão das faculdades da alma e nesta mesma lição, na parte designada a psicologia empírica, uma afirmação de que “a psicologia é definida como a cognição do objeto do nosso sentido interno” e que “a

psicologia é a filosofia do objeto interno, o qual é fundamentado em princípios da experiência”. Assim, a psicologia teria então um objetivo, ter conhecimento do objeto interno, ou seja, da alma.

De maneira semelhante a esta citação a *Antropologia pragmática* de Kant divide seu material, numa “didática antropológica” e “caracterização antropológica”. A primeira é descrita como a arte de conhecer tanto o interior quanto o exterior do homem e está subdividida em faculdade cognitiva, sentimento de prazer e desprazer e sobre a faculdade de desejar. Na *Lição* (KANT V-Met-L2/Pölitz AA 28:584/585) Kant afirma que há um tipo de representação que pode acompanhar toda nossa representação, esta é a representação do nosso eu, tal representação do nosso eu é chamada de consciência, apercepção.

Nos anos de 1.782/83 encontramos indícios da posição de Kant (KANT V-Met/Mron, AA 29: 877) sobre o Eu “a alma é apenas o nosso Eu, não o corpo, mas corpo e alma ao mesmo tempo, como consciência humana, assim chamamos Eu. Na psicologia empírica nós consideramos nosso Eu como alma e como ser humano [...] Uma pequena antropologia é assim apresentada em psicologia empírica”. Kant segue sua argumentação afirmando

Que Eu exista enquanto ser humano já é uma inferência e de fato uma inferência que não fornece certezas como as matemáticas [...] psicologia empírica divide-se em duas partes: considerando a alma em si e a comunidade da alma com o corpo, os poderes da alma dividem-se em três classes: faculdade cognitiva, prazer e desprazer e faculdade de desejar [...] a primeira e maior representação é aquela do Eu ou a consciência de mim mesmo, apercepção... nos animais não há apercepção e portanto, são incapazes de qualquer princípio moral, do uso do entendimento e razão bem como o de desejar... (KANT V-Met/Mron, AA 29: 877).

Esta última afirmação é clara já no primeiro livro da *Antropologia* (KANT Anth. AA7: 127) “Que o ser humano possa ter o eu em sua representação, eleva-o infinitamente acima de todos os demais seres que vivem na terra. É por isso que ele é uma pessoa, e uma e mesma pessoa em virtude da unidade da consciência em todas as modificações que lhe possam suceder...” Percebemos neste momento que para a *Antropologia* tratar da experiência do homem, temos de considerar um Eu empírico como ponto de partida. Como o próprio Kant (KANT KrV A. 107) assinala essa consciência de si mesmo “segundo as determinações do nosso estado na percepção

interna é meramente empírica, sempre mutável, não pode dar-se nenhum eu fixo ou permanente neste rio de fenômenos internos e é chamada habitualmente sentido interno ou apercepção empírica...”Conforme Kant (KANT KrV A. 107) esta apercepção empírica diferencia-se da apercepção transcendental, “esta condição originária e transcendental...”. Conferida esta distinção ao sentido interno Kant pode caracterizar um Eu empírico e como é apontado nas Lições (KANT V-Met/Mron, AA 29: 876) “investigar os fenômenos percebidos por meio do sentido interno cientificamente, tarefa cabível a psicologia empírica...”

Observemos agora o que Kant (KANT V-Met/Dohna AA 28:670) nos diz na *Metafísica de Dohna*:

A doutrina metafísica da alma, psicologia, se refere a objetos do sentido interno. A doutrina do corpo pode ser matemática (*physicarationalis*) a filosófica (*somatologia*) somente segundo princípios a priori por conceitos puros. Nem a doutrina empírica do corpo nem a doutrina empírica da alma pertencem a metafísica. A última se pode chamar *Antropologia* (KANT V-Met/Dohna AA 28:670).

E segue:

A questão última na psicologia empírica é: é possível uma psicologia empírica como ciência? O nosso conhecimento da alma humana é demasiado limitado. E um conhecimento empírico só chega a ser ciência quando o deduzimos de um princípio. Em geral, procedemos de maneira metódica mediante a observação ou experimentação. O primeiro é difícil e o último impossível; pois o experimento é que faz alterações no estado de nossa mente (KANT V-Met/Dohna AA 28:679).

Conforme já destacamos Kant (KANT Anth. AA7:141) é claro na *Antropologia* quanto a ocupação da psicologia, esta deve ocupar-se “de todas as percepções internas sob as leis naturais...” e afirma que o objeto que caberia a psicologia empírica tratar seriam as representações em relação as quais o espírito se comporta passivamente “Em relação ao estado de suas representações, meu espírito é ativo e manifesta uma faculdade (*facultas*) ou é passivo e consiste numa receptividade (*receptivitas*) ...” FULGENCIO, L. (FULGENCIO, 2006, p. 114) atenta para a necessidade de entendermos “em que sentido específico Kant propõe que a alma seja tomada como um objeto de uma psicologia empírica...” Parafraçando FULGENCIO, L. (2006) o

“assunto estudado pela psicologia empírica não seria alma, o sujeito transcendental ou a consciência transcendental, mas os objetos do sentido interno, o eu empírico e todos os nossos estados mentais, submetidos as leis da natureza”. Feita tais observações consideramos que a Antropologia de fato sempre dialogou com os demais trabalhos de Kant, mas defender que haveria ali a existência de uma investigação da alma enquanto objeto de uma psicologia entendida como ciência empírica, não nos parece apropriado, e propomos pensar que na *Antropologia* o Eu empírico que tem consciência de si seria o ponto inicial e é sob esta perspectiva que pautamos a quarta pergunta kantiana O que é o homem? Cito Kant

[...] a consciência de si mesmo (apperceptio) pode ser dividida na consciência da reflexão e na da apreensão. A primeira é uma consciência do entendimento, a segunda, do sentido interno. Em psicologia investigamos a nós mesmos segundo nossas representações do sentido interno; mas na lógica, segundo o que consciência intelectual nos oferece. Ora, aqui o eu nos parece ser duplo (o que seria contraditório); 1°. O eu como sujeito do pensar (na lógica), que significa a apercepção pura (o mero reflexionante) e do qual não há nada mais a dizer, senão que é uma representação inteiramente simples. 2°. O eu como objeto da percepção, portanto, do sentido interno, que contém uma multiplicidade de determinações que tornam possível a experiência interna. A questão de saber se em diversas modificações internas do espírito (de sua memória ou dos princípios aceitos por ela) o ser humano, quando é consciente dessas modificações, pode dizer ainda que é exatamente o mesmo (segundo a alma) é uma questão absurda, pois só se pode ser consciente dessas modificações representando a si próprio nos vários estados como um e mesmo sujeito e o eu do ser humano é, sem dúvidas, duplo pela forma... (KANT Anth AA 7:134).

Considerando, por fim que embora a definição geral do termo antropologia fornecido por Kant e suas respectivas divisões conforme apresentada no texto entre fisiológica e pragmática, contamos com uma doutrina da consciência do homem concebida sistematicamente (antropologia) que se caracteriza sob um ponto de vista fisiológico e outro pragmático. A psicologia empírica trataria aí dos fenômenos percebidos por meio do sentido interno, tratando da investigação de um Eu empírico, mesmo que Kant deixe claro qual será sua investigação na Antropologia, desta forma o fato de se dedicar ao conhecimento pragmático do homem não exclui a psicologia empírica do contexto, pois podemos considerá-la sob duas perspectivas, enquanto conhecimento da natureza (ao se ocupar dos fenômenos internos) e enquanto

conhecimento do homem ao se ocupar da alma sentido interno e sua relação com o externo (corpo), quanto ao sentido interno indica uma consciência psicológica.

Dito isto, entendemos haver na Antropologia a existência de um Eu empírico psicológico, isto é, uma consciência psicológica da qual trata a psicologia empírica. Apesar de Kant ter reservado a psicologia empírica a investigação da parte passiva do espírito humano, esta está claramente presente em sua *Antropologia*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao pensarmos na gênese da antropologia kantiana instantaneamente nos irrompe a questão sobre a pertinência da psicologia empírica. Questão inflada após as publicações de Reinhard Brandt e Werner Stark sobre as lições de antropologia de Kant, nas quais detecta-se uma aproximação do projeto antropológico pragmático kantiano com o que na época denominava-se como psicologia empírica.

O objetivo aqui proposto foi o de demonstrar a pertinência e a presença da psicologia empírica na Antropologia de Kant, se não titubeamos em nosso objetivo, podemos afirmar que a psicologia empírica é parte fundamental da antropologia de um ponto de vista pragmático. Para sustentar esta posição propomos analisar inicialmente que Kant apesar de se diferenciar, ou melhor, diferenciar seu projeto antropológico daquele de Platner, não destituiu a psicologia de seu discurso, considerando que Kant embora não desejasse reduzir sua antropologia a uma psicologia a psicologia compôs na antropologia a investigação do homem enquanto cidadão do mundo.

Amparados por tal posição e sustentados pelo texto kantiano, afirmamos que este reconhecimento do homem nos conduz a investigação de um eu como sujeito do pensar e um eu como objeto da percepção (do sentido interno), ou seja, há uma dupla investigação a ser realizada na antropologia, dupla sim, mas preponderantemente inclinada e iniciada sob o eu empírico. Assim, temos na antropologia decididamente uma proeminência da parte empírica, analisando o homem dotado de faculdades, uma teoria das faculdades da alma, posição que defendemos colocaria a investigação presente na Antropologia pragmática kantiana em estreita relação com a psicologia.

Com esta indagação e demarcação a respeito da importância da psicologia empírica e sua respectiva presença na Antropologia kantiana, espero ter contribuído

para repensarmos ou mesmo dialogarmos com interpretações que atribuem irrelevância a psicologia empírica, ou mesmo, sua inexistência na antropologia de Kant.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, M, L. **Psicologia empírica, antropologia e Metafísica dos costumes em Kant.** Kant e-Prints – Vol. 2, n. 1, 2003.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.** Traduzido por Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEDER, J, G, H. **Grundriss der philosophischen Wissenschaften.** Coburg, Fidesein, 1767.

FRIERSON, P, R. **Empirical psychology.** [S. I.]: Cambridge, 2014.

FULGENCIO, L. **O lugar da psicologia empírica no sistema de Kant.** Kant e-prints. Campinas, Série 2, v. 1, n.1, p. 89-118, jan.-jun. 2006.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático.** Tradução MARTINS, C, A. São Paulo: Edições Iluminuras, 2009.

_____. **Antropología práctica.** Tradução Roberto Rodríguez Aramayo. Madrid: Ed Tecnos, 2011.

_____. **Kant's Gesammelte Schriften Akademieausgabe“, Königlich Preu Bische Akademie der Wissenschaften,** Berlin 1900ff. (bisher 29 Bände), Reimer, ab 1922 de Gruyter.

_____. **Réflexions Méthaphysiques (1780-1789).** Tradução Sophie Grapotte. Paris: Vrin, 2011.

LEON, F, N. **Homem-Objeto: o lugar da "antropologia" no pensamento de Kant.** Kant e prints, Série 2, v. 1, n. 2, jul.-dez., 2006.

MEINERS, C. **Kurzer Abriss der Psychologie.** Göttingen, Dieterich, 1773.

PEREZ, D, O. A. **antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano.** Manuscrito – *Rev. Int. Fil.*, Campinas, v. 32, n. 2, p. 357-397, jul.-dez. 2009.

FEUERHAHN, W. **Le champ de bataille de l'anthropologie.** Kant entre l'héritage wolfien et ledéfi de laphilosophiepopulaire. Paris, J, Vrin, 2011.

PLATNER, E. **Anthropologie für Aerzte und Weltweise,** 1772, Leipzig, (reedição) Wentworth Press (2018 Alemanha).



_____. **Neue Anthropologie für Aerzte und Weltweise**, 1790, Leipzig, (reedição)
Wentworth Press (2018 Alemanha).